

Figurino-penetrante

Amabilis de Jesus da Silva

Professora do Departamento de Teatro – Faculdade de Artes do Paraná

Professora Assistente – Doutora em Artes Cênicas

Resumo: Tendo como aporte o figurino que penetra, perfura, marcheta ou invade o corpo, intento discutir a função do figurino de impulsor da ação. Privilegiando a relação de contato e não mais de caracterização e materialização da subjetividade de um corpo-outrem, proponho observar o figurino que se põe a serviço dos estados do corpo-atuante, fazendo-os emergir, fazendo-os visíveis, perceptíveis.

Palavras-chave: figurino, subjetividade, presentificação.

Mas, ó amigos, eu vos exorto e peço que com todas as forças cultiveis o amor, que é sem dúvida um bem divino. E não vos dissuada o que contam que Platão disse sobre um certo amante. Ele disse: o amante é um espírito morto no próprio corpo, mas vivo num corpo alheio.

Marsilio Ficino

Vestido por um colete de gelo com incisão de um coração de sangue no canto esquerdo, Leonardo Fressato se movimenta em meio ao público, enquanto fala de dor e solidão. *Correção de Coluna*. Um dos nove textos da montagem *Pecinhas para uma Tecnologia do Afeto*, do grupo Teatro de Ruídos, escrito por Luiz Felipe Leprevost. No programa se lê: “A tecnologia aqui tratada é a comunicabilidade. A técnica, o afeto; a maneira como o ator diz o texto ao seu interlocutor. Fala-se como quem ama”¹.

Cada um dos textos foi escrito para os atores que o personificam, buscando um estudo sobre personalidade. Fressato, ao receber o *Correção de Coluna* buscou dar continuidade à sua pesquisa com a matéria água, iniciada em 2006. Naquele momento, limitou-se a usar tamancos feitos com barras de gelo de aproximadamente 10 cm de altura, com alças de tecido cruzando o peito dos pés. E lá já se percebia as mudanças das funções do figurino: não mais um mediador, mas um causador; também, não mais a materialização da subjetividade de um corpo-outrem. Um figurino-lancinante, a por o corpo-atuante em estados alterados. Pungente, vivo, intenso.

Os figurinos-congelantes exigem adaptações, pois com o derretimento tornam-se assimétricos, instáveis, escorregadios, aumentando o grau de dificuldade na movimentação. No contato, ultrapassam as camadas da pele, petrificando os penetrais. As matérias do corpo e do figurino se contaminam, tomam-se, absorvem-se, imbuem-se, machucam-se. Mas, segundo o

¹ Leonardo Fressato é curitibano, graduado em Artes Cênicas – Direção, pela Faculdade de Artes do Paraná. A montagem *Pecinhas para uma Tecnologia do Afeto* foi apresentada na Mostra Cena Breve, em 2009, na cidade de Curitiba.

performer, a dor maior se dá no momento da retirada dos tamancos, quando os pés entram em contato com a superfície do chão, como se agulhas lhe penetrassem². Com o colete de gelo, o esforço da readaptação tem duração de aproximadamente quinze minutos, em função da hipotermia. Lapso. O espaço de tempo em que a presença da dor se mantém pela ausência. Transição. Separação dos corpos.

Longe das metáforas, os figurinos usados por Fressato constituem-se num encontro de matérias, para promover impregnações. O corpo-Fressato não veste o corpo de um personagem, mas anima-se pelo outro. Instigado pela matéria em estado sólido, presentifica-se, a si mesmo, e passeia pelo solipsismo e a intercorporeidade.

Próximo da metáfora, seus figurinos dissertam sobre o Em-Si e o Para-Si. Na sua relação com o outro-sujeito/objeto, Fressato parece repetir com Merleau-Ponty:

Sejamos uns para os outros um sistema de Para Si, sensíveis um para o outro, cada um sabendo o outro não apenas no que sofre por sua parte, mas mais geralmente como uma testemunha, ela própria recusável, porque também ela está prevenida, porque tanto quanto eu, não é puro olhar sobre o ser puro (MERLEAU-PONTY, 2000: 85).

O figurino-outro se estaca como tentativa de dissecação do Em-Si, mas é quiasma, entrelaçamento da presença/ausência. Corpo e figurino, amalgamados, em totalidade, em abertura. É presença sentida do eu/outro. É ausência sentida do eu/outro. É lacuna. Como amantes, corpo e figurino se transpõem, e se atingem. Como amantes se persuadem, convencem-se intimamente. A *hora magna* surge como devir, em que os corpos se percorrem, e se distanciam, extasiados no Em-Si, extasiados no Para-Si.

Deitado no chão, o ator se debate feito um ovo sendo frito, termina o texto *Correção de Coluna*, enquanto Fressato se debate até destruir seu colete de gelo. Em pedaços, o colete se torna poças d'água. Ali deitado, o ator aguarda a aproximação da dor. O figurino-água se desmancha, em nova configuração. Lapso. Separação dos corpos. Houve um momento em que se tangeu o invisível.

Ao lado, o pedestal branco, e sobre ele uma grande taça cheia de corações de gelo comestíveis. Na instrução: *Devore já o seu!!!* Poderia ser: Coma-o avidamente, para lembrar as palavras de Bauman: “Todo amor é matizado pelo impulso antropofágico. Todos os amantes desejam suavizar, extirpar e expurgar a exasperadora e irritante alteridade que os separa daqueles a quem amam” (BAUMAN, 2004: 32). Mas a instrução é ambígua: Consuma já o seu. Antes que derreta. Suprima o lapso.

² Com a proposição dos figurinos-congelantes (tamancos de gelo), Leonardo Fressato foi selecionado entre os cinco brasileiros para a Quadrienal de Praga, na categoria *Figurinos Radicais*.

Do sólido ao líquido, o figurino-penetrante de Fressato é o lugar da dor, e segundo ele, a dor entendida como melancolia, de um incômodo profundo, não agradável, mas profícuo. Na cartografia da dor, o trajeto quase simbólico: pés, coluna, pulmão, coração. Como a percorrer em busca do âmago.

Posto em diálogo com os estudos de José Gil (1997), o figurino-penetrante também não atenua o intervalo, a pausa, o lugar das respostas vagas: o impasse do dentro e do fora. Contudo, arrasta a discussão, agregando sentidos. Se para Gil o sujeito da percepção situa-se no limite, na zona fronteira entre o interior e o exterior, *espaço limiar*, ao ser penetrado pelo figurino, Fressato parece se juntar aos adeptos da *Body Modification*, no empenho por dilatar este *espaço limiar*, e ao mesmo tempo, ampliar os espaços interior e exterior.

A proposição *Correção de Coluna* faz ressurgir a figura de Fahkeer Mooshuhfar, homem persa, velho, vivido no século XII em Meshed, com *piercings* permanentes nos mamilos, seis adagas fincadas na pele e perfurações na parte de cima e debaixo do braço feitas pelas pesadas ferraduras. *Você pode aprender sobre Deus através de seu corpo*. Fahkeer Mooshuhfar é um personagem do desenho animado Ripley's, da década de 1950. E também faz ressurgir a figura de Fakir Mustafar, expoente da arte do corpo e líder dos Modernos-Primitivos que, reconhecendo nos seus próprios propósitos a mensagem do personagem persa, seguiu desde os 14 anos de idade a furar, modificar, cortar e queimar seu corpo, sempre com o objetivo de entrar em estados de consciência e descobrir a verdadeira natureza de si mesmo.

Com a intenção de fazer do *piercing* um ato xamânico, Fakir Mustafar adota exercícios de respiração profunda, para que a colocação do aço na carne não seja mera perfuração, mas um ato de penetração psíquica, abrindo vagas no corpo. O acesso ao material interior, segundo o artista, muda algo no corpo físico.

Na análise de Philippe Liotard, as ações dos Modernos-Primitivos e adeptos da *Body Modification* são como uma exploração individual, que firma a total liberdade, sendo que o único modelo a seguir é o do seu próprio corpo. Além da ação corporal que se torna pilar da relação com o outro, há o sentir diferenciado do corpo, e o testemunho da dor e/ou prazer que faz desta experiência um momento forte da história individual.

Fressato comenta que durante o uso do colete de gelo não há sensação de dor, e a sensação de frio ou de queima da pele não dura mais que alguns minutos. Depois toda a região ocupada pelo colete se torna insensível. Mas há aceleração do seu metabolismo, afetando o ritmo da fala e da respiração. Com o estado psicológico totalmente abalado, o atuante se vê entre a agonia, a ação e a inação.

A modificação do corpo, com seus espaços intervalares, como *still life*, estimulando a produção de presença, encontra pontos de semelhança com os relatos postos por Gil sobre corpo e inconsciente:

É quando sinto a presença de órgãos internos que o meu corpo me parece como estranho, através de uma dor ou de uma sensação de mal-estar. Este viver do corpo faz-me senti-lo como “a mais”, como uma coisa, como se eu fosse reduzido precisamente a um organismo. O que significa que a percepção “normal” do espaço interno é a de uma não-presença, ou melhor de uma impresença (GIL, 1997: 178).

Labiríntica, a discussão recai no tema da percepção, da presença/ausência, do eu/outro. Mas há uma rica metáfora quando se transpõe o debate para as questões da cena. A dor causada na relação com o figurino permite que o corpo-atuante se coloque num estado de auto-reconhecimento, priorizando a presença, ainda que reduzida a um organismo. Esta presentificação do corpo-atuante, provocando estados alterados, por vezes, faz-se perceptível, como se o interior se expusesse, ou ao menos, como se o *espaço limiar* emergisse. Lapso. *Still life*.

O auto-reconhecimento advindo do estranhamento na experiência do corpo com o figurino-sujeito/objeto disserta também sobre a ausência como diferença (MERLEAU-PONTY, 2005). Penetrado, o corpo não pode ter uma imagem isolada nem de si, nem do outro, pois ambos estão implicados. Porém, o outro, o não eu, é o que dimensiona o eu. A hipotermia vivida por Fressato – separação dos corpos – representa um fragmento, ainda que povoado por rastros, de identificação do eu, por estar em franca disposição para a transição.

Partindo do Banquete e do Fedro de Platão, Marsílio Ficino estrutura um estudo aprofundado sobre o amor, a coisa amada, e a relação com o divino. Neoplatonista, Ficino crê que no ato do amor “cada um tem a si próprio e ao outro. Pois este existe naquele. E aquele existe, mas neste” (FICINO, 1996: 18), em réplica a Platão. Fressato treplica: o amante quer ser um corpo vivo, ainda que contaminado pelo corpo alheio. E completa: no amor e na morte não se pode contar com a experiência alheia. Prove o seu! *Devore já um coração*.

Escalda-pés: na medicina chinesa um dos conceitos básicos de saúde é cabeça fria e pés quentes. Em uma bacia com água morna, adicione um pouco de sal e umas gotas de essência ou óleo essencial de sua preferência, adicione umas pétalas de rosas, e deixe seus pés por 15 minutos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FICINO, Marsílio. *O Livro do Amor*. Trad. Ana Thereza Basílio Vieira. Niterói: Centro de Investigação Filosófica e Clube de Literatura Cromos, 1996.

GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Antropos, 1997.

LIOTARD, Philippe. "Revue Quasimodo". In: *Les corps interrogé*. Disponível em www.body-art.net/v6.0/Kortex/PLtxt1fr.html, acesso em 15/09/2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva: 2005.